

# **“OLHARES” PSICOPEDAGÓGICOS: DESVENDANDO CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGENS DE CRIANÇAS, MÃES E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESEBA**

**Paula Amaral Faria  
Maria Irene Miranda**

Pesquisa de mestrado que investigou concepções de aprendizagem de crianças, seus pais e professores na Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental. E, identificou concepções de aprendizagem nas DCNEI (2010) e as possíveis implicações diante das concepções de crianças, mães e professores para a Educação Infantil da ESEBA. Estruturamos na abordagem qualitativa e na modalidade de Estudo de Caso. Utilizamos os instrumentos Grupo Focal e análise documental. Aplicamos a técnica de diagnóstico psicopedagógico, par educativo, como ponto de partida. As concepções de aprendizagem dos participantes estão permeadas de imagens e conceitos originários do paradigma tradicional e do interacionista. Ambos os paradigmas se constituem nas ideias e ações de cada um, a partir de suas interações. As concepções não são estáticas, se modificam ao longo da vida. Conjecturamos, sobre a necessidade de a escola dialogar com famílias e professores.

Palavras-chave: Concepção de aprendizagem. Educação Infantil. Psicopedagogia.

## **Introdução**

O artigo apresentado é originário de uma pesquisa de mestrado entre 2012 e 2014. O campo da investigação foi uma escola pública federal de Uberlândia chamada de ESEBA (Escola de Educação Básica) e contou com a participação de crianças, suas mães e professores da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental. O interesse em desenvolver estudos sobre as concepções de aprendizagem se originou ao longo de nossa trajetória profissional e pessoal, a partir do que ouvíamos de colegas professores, das crianças e dos seus familiares, sobre o aprender nesse nível de ensino. Por meio da experiência profissional em escolas privadas e públicas da cidade de Uberlândia, presenciamos as diversas formas de se compreender a aprendizagem das crianças nessa etapa da escolarização. Nesse período, de maneira informal, foi possível identificar em falas de crianças, de suas famílias e de professores posicionamentos que colocam a Educação Infantil como etapa preparatória para a seguinte – Ensino Fundamental. Identificamos, também, outros posicionamentos que colocam esse nível de ensino como espaço para brincar, sem qualquer objetivo, sendo um brincar, nessa visão, desvalorizado e desvinculado de qualquer possibilidade de aprender.

Comprendemos que, o que cada pessoa diz sobre o aprender na Educação Infantil revela, de forma explícita ou implícita, uma ou mais concepções de

aprendizagem. Entretanto, os pontos de vista que ouvimos ao longo de nossa trajetória profissional e pessoal, tal como assinalados acima, não nos parecem suficientes para afirmar as concepções de aprendizagem subjacentes aos discursos, entretanto, muito nos inquietam. Todavia, foram justamente esses posicionamentos que nos impulsionaram, como pesquisadora, a ouvir de crianças, de seus familiares e de professores sobre o aprender no cenário da Educação Infantil.

O interesse de ampliarmos estudos sobre as concepções de aprendizagem especialmente no contexto da Educação Infantil e experiência profissional, apoiada principalmente na vertente psicopedagógica, permitiu-nos ouvir com ouvidos de pesquisadora e discutir as concepções de aprendizagem recorrentes no campo da Educação, a partir do ponto de vista dos sujeitos que interagem nesse nível da escolarização.

Em razão disso a ESEBA tem-se configurado para nós em um espaço inspirador de novas aprendizagens. E é por meio desse cenário educativo que brotam imagens, desejos, inquietações e dúvidas a respeito dos nossos saberes e não saberes docentes. Desse modo, compreender o sentido e o significado do pesquisador em “roupa” de professor com “olhar” e escuta psicopedagógicos se configura em uma aprendizagem desafiante e instigante. Fazer parte dessa história e vivenciar esse momento constitui a nossa realidade, que uma vez problematizada desencadeia as seguintes questões de pesquisa: Quais as concepções de aprendizagem das crianças, seus pais e de professores na Educação Infantil da ESEBA? Quais são as concepções de aprendizagem dos professores que atuam no primeiro ano das séries iniciais do Ensino Fundamental da ESEBA? Quais as concepções de aprendizagem presentes nas DCNEI (2010) e de que maneira implicam as concepções das crianças, de seus pais e dos professores para a Educação Infantil da ESEBA?

Em função da problemática anunciada elegemos os objetivos que nortearam o presente estudo: Investigar as concepções de aprendizagem de crianças, seus pais e professores no espaço da Educação Infantil da ESEBA. E, identificar as concepções de aprendizagem nas DCNEI (2010) e as suas possíveis implicações diante das concepções das crianças, de seus pais e dos professores para a Educação Infantil da ESEBA.

As questões e as intenções expostas nos desafiam diariamente e nos provocam à busca de compreensão dos fatores que constituem as concepções de aprendizagem das crianças, de seus pais e dos professores. As suas descobertas, suas curiosidades, hipóteses, o que pensam e dizem sobre cada tema escolhido para investigação na escola

têm colaborado para o interesse neste estudo. Por outro lado, a oportunidade de refletir com nossos pares acerca da proposta pedagógica da instituição enriquece nossa formação como docente e como pesquisadora.

Conseqüentemente, a constituição da nossa concepção de aprendizagem parte fundamentalmente da práxis baseada no paradigma interacionista, que sustenta os princípios psicopedagógicos. Eles nos impulsionaram a compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem, de nós mesmos, mas, sobretudo das crianças que compõem o cenário da Educação Infantil, com as quais trabalhamos.

Ao nos localizarmos como professora / psicopedagoga, é acertado que nos orientemos em referenciais que nos revelem os processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, especialmente das crianças em idade de Educação Infantil, nível de ensino a que dedicamos nossos estudos. Esses processos desencadeiam leituras, conversas, trocas entre parceiros psicopedagogos, psicólogos e professores. A nossa formação em Psicopedagogia e a atuação profissional nessa área, nos abriu novas “lentes” para olharmos com mais atenção, escutarmos além dos ouvidos, interagirmos com intenção, para compreendermos as crianças e a nós mesmas. O que marca a nossa Psicopedagogia é como “olhamos” e “ouvimos” – um sujeito sempre aprendente. Somado aos referenciais da vertente psicopedagógica, encontramos na literatura que versa sobre a Educação Infantil um espaço latente para pesquisas psicopedagógicas.

Pesquisas como as de Arce e Martins (2007), Faria e Mello (2005; 2009), Kramer (2009), Miranda (2012), Oliveira (1992; 2010; 2011) e Scoz, Rubinstein, Rossa e Barone (1987) têm apontado o quanto as crianças, familiares e professores elaboram concepções de aprendizagem que trazem consigo ideias de uma Educação Infantil preparatória para o Ensino Fundamental, antecipando assim, procedimentos próprios da etapa escolar seguinte. Essas investigações alegam, além disso, que, em função dessa premissa pedagógica, as crianças pequenas tendem a não vivenciar experiências lúdicas importantes na escola para os seus processos de desenvolvimento e aprendizagem. Esses estudos consideram que é justamente por meio das experiências preparatórias para o Ensino Fundamental que as crianças pequenas constroem concepções de aprendizagem tradicionais e, para muitas situações, não contribuem para o sucesso dos processos de desenvolvimento e aprendizagem na escola.

Nessa constante busca de tentar compreender as concepções de aprendizagem que se fazem presente nos discursos e nas práticas, optamos por trilhar um caminho

metodológico de investigação condizente com as intenções teóricas, trajetória essa que descrevemos a seguir.

### **A constituição do caminho percorrido para a investigação**

A pesquisa possui caráter qualitativo, orientada pela perspectiva do estudo de caso. Consideramos essa modalidade uma trajetória possível para o desenvolvimento do presente estudo, em função dos princípios que justificam a constituição do caminho percorrido.

Temos a compreensão de que para selecionar um instrumento de coleta de dados, ele deve corresponder às expectativas da pesquisa. Sendo assim a nossa opção pelo Grupo Focal adveio das características que permeiam a sua utilização. Gatti (2005) define o Grupo Focal como um instrumento que reúne um grupo de pessoas selecionadas, a partir de critérios, para discutir e falar a respeito de um assunto sob o qual possuem algum tipo de experiência, no nosso caso: concepções de aprendizagem na Educação Infantil. Portanto, o nosso empenho, por meio do Grupo Focal, esteve na compreensão das concepções de aprendizagem de cada grupo (crianças, pais e professores), e por que pensam desse ou daquele modo. “Poderíamos acrescentar: quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições” (GATTI, 2005, p. 10).

De acordo com Gatti (2005), o Grupo Focal pode ser iniciado com atividades e recursos que permitam aos participantes se descontraírem, para gerar a “quebra do gelo” e enunciação efetiva de troca de opiniões. Em nosso caso, consideramos a técnica psicopedagógica chamada de *Par Educativo*. Essa preferência se constituiu tendo em vista que utilizamos neste estudo aparato teórico e produções bibliográficas do campo da Psicopedagogia.

Em nossa experiência profissional, como psicopedagoga institucional escolar, utilizamos o Par Educativo para investigação de determinadas situações de aprendizagem junto a crianças e adultos, buscando elementos para analisar o vínculo entre professor e aluno; o vínculo entre familiares e criança; e as concepções de aprendizagem que estavam sendo constituídas. É um tipo de técnica que oferece inúmeras possibilidades e dados a serem observados e analisados.

Tratamos de aplicar a técnica do par educativo como um recurso para desencadear um diálogo por meio do instrumento Grupo Focal. Não tínhamos a preocupação de investigar a técnica, mas de utilizá-la como mecanismo que fomentasse

as respostas aos questionamentos do estudo. Não foi nossa proposição fazer uma investigação detalhada dos aspectos gráficos dos desenhos, utilizando de uma escala que propusesse uma análise do traço, tamanho, posição da folha e detalhes das representações, tal como propõe Visca (2011).

A nossa intenção com essa técnica foi realizar uma interpretação geral do desenho, com “olhar” e “escuta” de pedagoga/psicopedagoga, que procurava identificar no desenho os questionamentos do estudo.

Portanto, o estudo provocou interlocuções entre as informações coletadas por meio do instrumento do Grupo Focal, desencadeado pelo recurso do par educativo, somadas às informações extraídas das DCNEI (2010), com as devidas orientações da literatura que versa sobre análise documental. A partir dessa trama de informações, pudemos triangular os dados encontrados em busca de respostas às inquietações da pesquisa, que serão apresentadas a seguir e versam sobre as análises dos dados.

### **O que é aprender? Concepções que permeiam a educação infantil e o 1º ano do ensino fundamental**

Em função da complexidade e da quantidade de dados encontrados apresentamos a síntese das análises das concepções de aprendizagem obtidas no decorrer do processo investigativo.

Para que pudéssemos organizar e representar os dados coletados junto aos participantes nos fundamentamos nos estudos de Moroz e Gianfaldoni (2002). Nessa perspectiva de análise, procuramos tornar os dados inteligíveis. Criamos, então, categorias, o que significa incluir e organizar todos os dados coletados relativos ao tema de investigação. Os autores assinalam que cada categoria deve tornar preciosos os índices que determinam a inclusão de cada elemento. Pontuam que dependendo do problema colocado essa tarefa pode significar tanto rever as categorias já estabelecidas na previsão de análise quanto elaborar outras, a partir das leituras do material coletado.

As produções icônicas, verbais e escritas dos participantes apresentaram muitas características que poderíamos ter explorado de diversas formas. Optamos por organizá-las em categorias, tal como orientado pelo referencial teórico, organizando as temáticas que emergiam conforme as intenções e problematizações do estudo. À medida que identificamos informações que respondiam aos questionamentos, identificamos quatro categorias de análise. Entretanto, os dados revelados pelos participantes nos

conduziram, no interior de uma dessas categorias, para uma organização de subtemas de discussão, que nomeamos, conforme a literatura indicada, de subcategorias de análise.

Os problemas de investigação orientaram *a priori* o nosso “olhar” para os dados, desencadeando a primeira categoria – **Aprender é interagir e contar a figura do mediador**. Nela, organizamos as manifestações dos participantes em considerar que as interações são elementares para as nossas aprendizagens, sendo o papel do professor mediador um aspecto fundamental para provocar situações de desenvolvimento e aprendizagens das crianças na escola.

Na segunda, nomeada de **Aprender é conviver com distintos contextos e espaço**, foi possível discutir produções que revelaram a respeito das concepções de aprendizagem pautadas em diferentes contextos, espaços e cenários da escola. Os diálogos entre cada grupo de participantes caminharam na direção de compreender que a aprendizagem se processa em distintos ambientes e com a presença e interação de diversos sujeitos.

A terceira nomeamos de **Aprender é compartilhar e vivenciar experiências com a família e a escola**; tornando visível que as experiências vivenciadas na escola, as interações com os nossos familiares e as formações iniciais e continuadas dos professores contribuíram para a constituição e reelaboração das concepções de aprendizagem ao longo da trajetória de cada um.

A quarta, intitulamos como **Aprender na Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental: etapas isoladas ou processo?** Em função da quantidade e da complexidade do emaranhado de dados emergidos nessa categoria de análise, entendemos como necessário subdividir a discussão em três subcategorias temáticas, que foram nomeadas com extratos de falas dos participantes do estudo.

A primeira subcategoria “*Tia sabia que a minha mãe está me ensinando a ler e a escrever?!?*” é provocada pelas orientações das DCNEI (2010). Segundo esse documento, as escolas de Educação Infantil devem prever formas de possibilitar a continuidade dos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças em transição para o Ensino Fundamental, sem realizar propostas pedagógicas antecipatórias de conteúdos. Todavia, os dados revelados pelos participantes apontam que as políticas públicas e as “pressões” sociais, esperam que as crianças até o primeiro ano do Ensino Fundamental se alfabetizem, *o quanto antes*. Tal impasse coloca a Educação Infantil em lugar de tensão, já que a transição entre esses dois níveis se configura de modo contraditório. Dicotomicamente, na segunda subcategoria “*Acabou a brincadeira*.”

*Agora vocês vão ter que estudar!*”, os dados manifestaram a ideia da Educação Infantil como lugar da criança brincar e o Ensino Fundamental como o espaço de alunos estudarem, evidenciando a concepção tradicional de aprendizagem. Desse modo, ampliamos as reflexões para a compreensão de que em ambas as etapas do ensino básico possuem crianças em condições de alunos, todos eles podem aprender, pesquisar, brincar, estabelecendo suas interlocuções por meio de distintas linguagens, de acordo com princípios interacionistas. A terceira subcategoria “*E as múltiplas linguagens [...] estamos ligados nisso tudo*” trata das orientações das diretrizes para que as escolas de Educação Infantil organizem as suas propostas pedagógicas e curriculares com base nas diversas linguagens para a criança se comunicar, no contato e promoção dos diversos gêneros e formas de expressão. As crianças participantes do estudo se mostraram abertas a manifestação de diferentes formas, todavia, nos grupos com adultos a percepção foi distinta. Mostraram-se resistentes para comunicar as suas concepções de aprendizagem por meio do desenho, preferindo a escrita e/ou a fala. Ao longo da construção dos dados, identificamos preocupação dos participantes com a aprendizagem da leitura, escrita e números. Essa revelação caminha na direção da supervalorização dessas linguagens, especialmente a escrita, em nossa sociedade, em detrimento das demais.

Tanto os problemas de investigação quanto os dados revelados pelos participantes do estudo direcionaram nosso “olhar” em busca de respostas para a compreensão das concepções de aprendizagem presentes no contexto da Educação Infantil da ESEBA. O movimento de desvendar as falas, desenhos e escrita dos participantes do nosso estudo nos alerta para a nossa constituição como pesquisadora, que esperamos continuar sempre aprendendo e amadurecendo.

### **Aprender: a cada resposta uma nova pergunta**

Por meio das diversas circunstâncias da investigação dispomos de elementos para inferir que as nossas concepções de aprendizagem não são estáticas, mas se modificam ao longo da vida, de acordo com a forma de interação de cada um de nós no mundo. Os participantes expuseram as suas concepções de aprendizagem a partir de suas experiências passadas e presentes. As concepções de cada um se constituíram nas relações com os outros e com os objetos de conhecimento ao longo de suas trajetórias e experiências vividas.

A pesquisa evidenciou que nos discursos e desenhos dos participantes não há uma compreensão homogênea e linear sobre o que seja aprendizagem na Educação Infantil. Fato que revelou que vivenciamos uma Educação Infantil permeada pelas distintas e antagônicas concepções de aprendizagem. Salientamos que o contraditório e o diferente são elementos que pertencem a qualquer instância social, já que vivenciamos experiências sociais, culturais e histórias singulares. Todavia, refletir sobre essas diferenças é uma ação necessária para compor uma escola pensante e reflexiva e tornar o cotidiano escolar rico em possibilidades de diálogos e trocas de conhecimentos entre seus integrantes: alunos (as); familiares e professores.

A maneira pela qual nós, professores e familiares, apresentamos a escola e suas possibilidades às crianças, contribui para a sua compreensão sobre o que é aprender na escola. Desse modo, as experiências que proporcionamos às crianças na escola e fora dela contribuem para orientá-las em suas escolhas e para a constituição de suas concepções de aprendizagem. Então, consideramos que a Educação Infantil é um dos primeiros cenários de interação das crianças, junto com o contexto familiar. Ponderação que coloca a Educação Infantil como um dos alicerces para a constituição de concepções de aprendizagem.

Sinalizamos que na ESEBA a comunidade escolar que constitui a sua proposta política pedagógica. Logo, é essa comunidade que opta por um determinado paradigma de aprendizagem. Todavia, tal como a nossa pesquisa torna visível, é preciso comunicar e formar as famílias sobre essa escolha e continuamente incorporar ou transformar novos olhares para a proposta política e pedagógica, já que a comunidade sempre se renova. Nesse sentido, não queremos dizer que a escola tem o papel de homogeneizar as concepções de aprendizagem, até porque isso seria ingênuo de nossa parte e os nossos dados revelam o contrário disso. Sinalizamos, então, para uma escola que tenha espaço para dialogar e pensar sobre as diferenças entre as concepções de aprendizagem existentes na comunidade. Tenha espaço para reformular a proposta política e pedagógica de tempos em tempos.

Nesse sentido, é imprescindível que a comunidade composta pelas crianças, seus familiares e professores da Educação Infantil, esteja em constante diálogo sobre o aprender, tendo como referência a constituição e/ou reformulação da Proposta Política Pedagógica da escola e, evidentemente, das ações pedagógicas que por ela são fundamentadas.

Confiamos que a investigação a respeito das concepções de aprendizagem na Educação Infantil é importante para os próprios sujeitos que aprendem, para os sujeitos que oferecem as primeiras condições de aprendizagem no início da vida e para os sujeitos que possuem como profissão ensinar. E nesse sentido, a escola é um cenário onde crianças, pais e professores transitam, trocam suas opiniões e aprendem mutuamente, sempre. Portanto, posicionamo-nos a favor de uma escola que sustente uma concepção de aprendizagem que acredita na criança. Uma escola que alimente o potencial infantil para se comunicar, para dizer o que pensa e sente, em suas diversas formas, não apenas com palavras, que encoraje a busca de soluções diante dos diversos desafios cotidianos, impulsionando o desenvolvimento nos mais diversos aspectos.

Sendo assim, esperamos que os resultados construídos pelo estudo em torno das concepções de aprendizagem na Educação Infantil possam favorecer medidas de natureza prática e decisões políticas para outros encaminhamentos futuros na escola campo de estudo, entre eles, a possibilidade de contribuir para a reformulação do PCEI (2010). Nos últimos três anos, a escola busca construir parâmetros políticos e pedagógicos para compor a proposta curricular da Educação Infantil. Assim, sinalizamos que o nosso estudo tem a possibilidade de oferecer elementos importantes à reflexão e ação para construir e efetivar uma proposta condizente as demandas e pautada em princípios epistemológicos coerentes a construção do conhecimento e da cidadania.

O nosso estudo nos permite dizer que a Educação Infantil precisa estar contaminada com as ideias das crianças, sendo os professores e os pais cúmplices, parceiros e mediadores nas descobertas coletivas. As pressões políticas deveriam partir da comunidade escolar em direção aos órgãos políticos nacionais, e não o contrário, como na verdade ocorre. Por outro lado, sabemos que realizar essa reflexão/ação não é fácil, muito menos simples de executar. As visões tradicionais de ensino-aprendizagem na Educação foram historicamente construídas e estão até os dias de hoje impregnadas em nossos pensamentos, ações e, assim, configuradas nas pressões políticas e sociais. Tanto as crianças, como os seus familiares, os professores e as políticas públicas estão carregados de ideias do paradigma tradicional, mesmo que não queiramos nos sustentar nelas. Compreendemos que a discussão sobre as concepções de aprendizagem partem de uma revisão geral de conceitos que estão interligados: visão de criança e de infância; ensino e aprendizagem; lúdico; proposta pedagógica destinada à infância; transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e desse com os subseqüentes;

avaliação condizente com a proposta pedagógica; de formação de professores; diálogos com as famílias; entre outros.

Contudo, aprendemos com a presente investigação que as concepções de aprendizagem fazem parte das nossas ações e pensamentos antes mesmo de frequentarmos a instituição escolar. As formas pelas quais as famílias e escola nos contam e nos mostram por meio de suas ações o que é aprender são essenciais para a constituição das nossas próprias ideias. A Educação Infantil é um cenário de múltiplas aprendizagens, é nesse contexto que emergem os perguntadores – os pesquisadores. Dialogar com os perguntadores é difícil, pois não temos todas as respostas. Entretanto, é na interação com outros (professores e famílias) que buscamos as informações que não temos, abrimos novas lentes para a busca de respostas e exercitamos desvendá-las e torná-las visíveis aos nossos próprios olhos. Para nós, profissionais da Educação, é essencial compreendermos a dinâmica do aprender da criança, é ação elementar das funções docentes. Além disso, é nosso papel compartilhar e explicar para os familiares como acontece esse processo com a criança. Entendemos que sem a parceria e sem o diálogo constante com a família para caminhar conosco, pensando e atuando na concepção de aprendizagem sustentada na proposta pedagógica da escola, andaremos sem rumo, isto é, qualquer caminho serve por não sabermos onde queremos chegar. Evidentemente, não temos essa intenção, precisamos de apoio e parceria com a criança, conseqüentemente com as suas famílias e de nossos colegas de profissão, os professores. Queremos um caminho para trilhar e realizar nossos trabalhos pedagógicos, não precisa ser um único, é possível considerar distintas possibilidades de trajetórias, mas sabemos onde, com quais parceiros, como e o que queremos encontrar – a aprendizagem.

## **Referências**

ALMEIDA, C. R. S.; QUEIROZ, J. J. Pesquisar o cotidiano escolar: tarefa necessária. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, Centro Universitário Nove de Julho, vol.7, n. 001, p. 9-20, junho, 2005.

ARCE, A.; MARTINS, L.M. (Orgs.) **Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil?** Em defesa do ato de ensinar. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Parâmetro Curricular da Educação Infantil - PCEI**. Uberlândia, MG, 2010.

FAGALI, E. Q.; VALE, Z. D. R. **Psicopedagogia Institucional aplicada**: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (Orgs.) **O mundo da escrita no Universo da pequena infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 91).

\_\_\_\_\_. **Linguagens Infantis: outras formas de leitura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 91).

FERNANDÈZ, A. **A inteligência aprisionada**: A abordagem psicopedagógica clínica da criança e da sua família. Trad. Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Beatriz Cardoso. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GATTI, B.A. **Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber livro Editora, 2005.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a Educação infantil. 14. ed. São Paulo: Ática, 2009.

MIRANDA, M. I. **Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização**: contribuições da teoria piagetiana. Araraquara: JM Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Problema de aprendizagem e intervenção escolar**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil II**. Coleção Pedagogia a Distancia UFU/UAB. Uberlândia – MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2012.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M.H.T.A. (orgs.) **O processo de pesquisa - Iniciação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2002.

NOFFS, N. A. **Psicopedagogo na rede de ensino**: a trajetória institucional de atores-autores. São Paulo: Elevação, 2003.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Creches**: Crianças, Faz de conta & Cia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_**O currículo na Educação Infantil**: o que propõem as Novas Diretrizes Nacionais?. Agosto, 2010. Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em 23/07/2013.

\_\_\_\_\_**Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_**Para onde vai a Educação?** Trad. Ivete Braga. 18. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2007.

\_\_\_\_\_**A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

\_\_\_\_\_**Psicologia e Pedagogia**. Trad. Dirceu Accioly e Rosa Maria Ribeiro da Silva. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SCOZ, B. J. L; RUBINSTEIN, E.; ROSSA, E. M. M.; BARONE, L. M. C. (Org). **Psicopedagogia**: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Trad. Beatriz Cardoso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VISCA, J. **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação**. 3ª Ed- Buenos Aires: Visca & Visca, 2011.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson L. Camargo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_**A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. Michel Cole (*et al.*). 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEISS, M. L. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.